

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Ália Rosa Rodrigues
Carlos A. Martins de Jesus
Rodolfo Lopes

INTERVENIENTES, DISCUSSÃO
E ENTRETENIMENTO
NO BANQUETE DE PLUTARCO



CECH

PARTE III

SYMPOTIKA

ENTRETENIMENTO NO BANQUETE PLUTARQUIANO

Carlos A. Martins de Jesus

1. TEATRO NO *SYMPOSION* OU O TEATRO DO *SYMPOSION*?

Um dos assuntos mais discutidos pelos estudiosos que se debruçaram sobre o texto das *QC* foi, sem dúvida, até que ponto devem essas conversas ser entendidas como reais – fruto de um passado recente que o autor recupera para a sua obra –, ou se se trata, afinal, de mera ficção¹.

Não obstante a postura que, a esse respeito, adoptemos perante o texto, salta à vista, da sua leitura, uma roupagem dramática, na medida em que assistimos à encenação dessas mesmas conversas, em diferentes espaços mas sempre num mesmo cenário, com diferentes personagens e diferentes assuntos em discussão. Dito de outro modo, o livro está composto de tal forma que permitiria, num ou noutra caso em especial, a encenação dos diálogos travados pelas personagens, já

¹ Para uma visão das principais teorias a este respeito, vide a introdução ao primeiro volume da versão portuguesa de *No Banquete*: Ribeiro Ferreira et alii 2008 22-24. Parece-nos ter razão Titchener 2009 400 quando, na conclusão das suas reflexões sobre esta matéria, afirma: “The *QC* do not need to be authentic to be real and true”.

que o narrador oferece, a cada momento, verdadeiras indicações cénicas – quais didascálias – sobre a atitude, os movimentos, o tom de voz ou o estado de espírito dos intervenientes. Sem a espectacularidade visual ou os excessos lendários dos banquetes da Roma Imperial que a literatura nos transmitiu – de que a *Cena Trimalchionis* constitui, provavelmente, o melhor exemplo literário que conservamos² –, o banquete plutarquiano, entendido como espaço de encontro de uma elite de homens sábios, é também permeável a diversas manifestações artísticas, de facto presentes ou simplesmente transformadas em objecto de estudo, das quais se destaca o teatro.

O livro II (629 D-E) abre com a distinção entre conversas “sobre o banquete” (*symptomika*) e as conversas “de banquete” (*symposiaka*), um ponto de partida edificante para as nossas reflexões. Naquelas, incluem-se todas as discussões sobre o funcionamento e a ética convival³, sendo que, nestas – as que dão título ao livro – têm lugar todas as reflexões de teor filosófico, científico e artístico, mas também essas outras mais triviais, ou mesmo fúteis que, com o banquete, apenas se relacionam na medida em que nele têm o seu espaço.

² Apenas dois outros exemplos. Suetónio (*Cal.* 32.1) informa que Calígula gostava que as suas refeições e os festins que organizava fossem “abrilhantados” por cenas de tortura e decapitação às mãos de um soldado em particular. De Adriano (*SHA Hadr.* 26.4), contava-se que introduzia nos seus banquetes tragédias, comédias, farsas, flautistas, leitores e poetas.

³ Alguns exemplos: a disposição dos convivas (1. 2) e o seu número ideal (5. 5), a figura do “pendura” (também designado de “sombra”) ou o simposiasta que o é sem convite (7. 6).

Assim, é no primeiro conjunto que devem inserir-se os passos que serão discutidos nesta secção, porquanto um estudo da presença do teatro nas *QC* deve ter-se na conta de apreciação de uma parte integrante da situação comensal, perfeitamente ritualizada.

A evidente componente dramática dos diálogos é desde logo reforçada por uma série de referências coloquiais ao universo teatral, quando se trata de referir determinado pormenor do banquete por via de uma comparação. Na segunda questão do livro I, Lâmprias critica o hábito de distribuir os lugares à mesa de acordo com o estatuto social dos convivas, e é nesse contexto que surge a imagem do teatro (617F-618A):

τίς δ' ἄν' ἔφη 'φείσαιτο φιλοσόφου γένεσι καὶ πλούτοις
καὶ ἀρχαῖς ὥσπερ θεάν | ἐν συμποσίῳ κατανέμοντος ἢ
προεδρίας ψηφισμάτων ἀμφικτυονικῶν διδόντος, ὅπως
μηδ' ἐν οἴνῳ τὸν τυφὸν ἀποφύγωμεν; οὔτε γὰρ πρὸς τὸ
ἔνδοξον ἀλλὰ πρὸς τὸ ἡδὺ δεῖ ποιεῖσθαι τὰς κατακλίσεις,
οὔτε τὴν ἐνὸς ἐκάστου σκοπεῖν ἀξίαν ἀλλὰ τὴν ἐτέρου
πρὸς ἕτερον σχέσιν καὶ ἀρμονίαν, ὥσπερ ἄλλων τινῶν
εἰς μίαν κοινωσίαν παραλαμβανόμενων.

Mas quem poderia ter pena de um filósofo que distribui lugares num banquete de acordo com a linhagem, riquezas e cargos, tal como num espectáculo, ou dá as proedrias dos Decretos Anfictiónicos, a ponto de nem na bebida escaparmos à vaidade? É que não é de acordo com a reputação, mas sim com o que é mais agradável que deve ser feita a distribuição dos leitos, nem ter em conta o mérito de cada um, mas sim a afinidade e a harmonia entre uns